

OFICINA DE LEITURA: LEITURA (RE)ESCRITA EM SALA DE AULA

Prof. Dr. Ulysses Rocha Filho¹ (UFG – RC)

Resumo:

Quando se pensa aqui em práticas de leitura, o que se quer enfatizar é a leitura de textos literários no ambiente escolar. O presente trabalho apresenta ações do subprojeto Letras-Português do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão (UFG-CAC), e tem como objetivos centrais: a. prover e promover meios, instrumentos e metodologias que resultem no desenvolvimento intelectual, profissional e acadêmico dos licenciandos em letras da UFG/CAC, dos discentes em colégio de rede pública, além de contribuir para a formação continuada dos professores de língua portuguesa do colégio; b. garantir ao aluno bolsista experiências na escola campo com a prática teórica e metodológica do ensino modalizador da leitura e escrita do texto literário; c. ampliar as discussões sobre a relação entre ensino e pesquisa, tanto no âmbito do curso de letras português, quanto no âmbito da educação básica (até a conclusão da segunda fase). Para refletir sobre tais práticas e sugerir atividades ligadas à literatura, é preciso entender o educador como alguém que conduz a leitura de forma prazerosa. A presente proposta vai ao encontro das análises e reflexões contemporâneas sobre ensino de Literatura em salas de aula (COSSON, Rildo: *Letramento Literário* – 2009; ORLANDI, Eni Pulcinelli). *Discurso e Leitura* - 1999.) durante as disciplinas de Estágio em Literatura bem como da elaboração de propostas didáticas e metodológicas (oficinas literárias de leitura, construção e reelaboração de textos poéticos) que possam ser aplicadas no ensino, especialmente nas aulas de Literatura - espaço privilegiado em que o aluno (e professor!) deve ter contato com a materialidade poética. *Apoio Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) PIBID CAPES – Projeto de Pesquisa UFG-CAC.*

Palavras-chave: letramento literário, educação, paródia, paráfrase, PIBID.

1 Introdução

A poesia sensibiliza qualquer ser humano. É a falta da alma, do sentimento. E precisa ser cultivada. (Afonso Romano de Sant'Ana).

Autores como Rildo Cosson e Carl Rogers influenciam diretamente nas práticas de ensino do subprojeto PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência). A relação docente x aluno, causada pelo projeto, é bastante convidativa, pois além de motivar o aluno a aprender e o professor na intercalação de amigo/professor, tornando as aulas para ambos, satisfatórias e produtivas. A educação básica no Brasil tem se tornado pouco interessante para o aluno, fazendo com que seu rendimento caia.

Um dos motivos está ligado ao modo com que o aluno é exposto ao conteúdo que deve ser ensinado, motivo este que deve ser mudado. A participação do aluno é de grande importância, pois:

é por meio de atos que se adquire aprendizagem mais significativa. Um dos modos mais eficazes de promover a aprendizagem consiste em colocar o estudante em confronto experimental direto com problemas práticos – de natureza social, ética e filosófica ou pessoal – e com problemas de pesquisa. Os exemplos podem variar, desde a situação de grupos de alunos empenhados numa produção teatral, escolhendo a peça e o elenco, desenhando e montando cenário e vestuário, treinando os atores, vendendo ingressos, até confrontações mais sutis. (ROGERS, 1978, p.163).

O *PIBID* – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - é financiado pela *CAPES* - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, órgão de fomento do Governo Federal. O objetivo do programa é, de um lado, possibilitar aos acadêmicos bolsistas dos cursos de licenciatura a inserção em instituições de ensino, a fim de que conheçam o ambiente escolar e desenvolvam atividades de ensino com alunos da escola, sob a coordenação de professor do curso e de supervisora da escola. Assim, devem pesquisar estudar e analisar textos teóricos e de diferentes gêneros, conhecer e usar as novas tecnologias, além de trabalhar em equipe, respeitando a opinião dos colegas, para planejar as oficinas a serem ministradas.

O subprojeto *Oficina de leitura e escrita do Texto Literário* do curso de letras/português da Universidade Federal de Goiás- Regional Catalão, é um programa desenvolvido em Colégio Estadual denominado Instituto de Educação Matilde Margon Vaz, na cidade de Catalão–Go, visando oferecer formação inicial aos alunos de Letras Português e aos alunos da Educação Básica bem como formação continuada aos professores da rede pública de ensino.

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998a e Brasil, 1998b), um dos pontos principais de Língua Portuguesa é destacar a grande necessidade de os cidadãos desenvolverem e aprimorar a sua capacidade de compreender textos orais e escritos, de introduzir a palavra e produzir textos em situação de participação social e no meio escolar perante as suas atividades. Ao propor que se ensine aos alunos o uso das diferentes formas de linguagem verbal, (oral e escrita), em seguida a farta riquezas escondidas na literatura analisarão o desenvolvimento da capacidade de atuação construtiva e transformadora, desenvolvendo habilidades de escrita, leitura e interpretação, proporcionando uma nova ideia e conceito para os alunos que participaram do projeto.

Não há gênero literário prioritário: contemplamos textos literários (sejam contos, poemas, crônicas ou apólogos) breves e contemporâneos. A premissa desses textos é de permitir, ao aluno, (re)descobrir interpretações diferenciadas assim como aliar o prazer do texto aos aspectos lúdicos que o mesmo possa proporcionar.

[...] não é possível a qualquer indivíduo inserir-se num processo de transformação social sem entregar-se inteiramente a conhecer, como resultado do próprio processo de transformar; mas, também, ninguém pode se inserir no processo de transformar sem ter no mínimo, uma base inicial de conhecimento para começar. É um movimento dialético porque, de um lado, o indivíduo conhece porque pratica e, para praticar ele precisa conhecer um pouco. (FREIRE, 1987, p. 265).

Atualmente, nas escolas brasileiras, professores e coordenação, devem utilizar, de forma pontual, os meios de leituras poéticas em salas de aulas, incentivando seus alunos a prática de leitura transformadora e estimulando o senso crítico. O intuito não é transformar tais alunos em escritores, mas, sim, em leitores aptos a interpretar e compreender que o poeta transmitiu em suas obras. Com esses gêneros, conseguem-se ver o mundo diferente, sob múltiplas formas de interpretação do mundo. Despertar o hábito da leitura, não por obrigação, sim por prazer de ler, se torna uma rotina nas vidas desses leitores.

O sistema educacional brasileiro está sendo achincalhado com muitas críticas e cobranças nos últimos anos. Um dos motivos de todos esses problemas advem do abandono e (des)compromisso do governo federal para com a educação. O Brasil, no momento, está em grande crescimento econômico, visa outros fatores (esporte, construções e marketing) e relega o principal de lado, sem nenhuma preocupação, que é a educação: o professor ganhando um salário péssimo, e as condições de ensino são bastantes precárias, a classe de educadores não é valorizada. Tudo isso traz vários denominadores que implicam para o mal desenvolvimento do ensino no país.

Hoje, o que encontramos nas escolas é uma situação lamentável: alunos de outras disciplinas e a sociedade usam a literatura como pretexto¹ e uma abordagem supérflua quando se trata de literatura. Muitos julgam esse saber desnecessário, traz a ideia de ser um ensino arcaico e poderia ser banido das escolas, pois não traz a eficácia para a formação dos estudantes, como ressalta Cosson: “Alguns acreditam que se trata de um saber desnecessário. Para esses, a literatura é apenas um verniz burguês de um tempo passado, que deveria ter sido abolido das escolas”. (COSSON, 2007, p.10).

A dificuldade de interpretação e compreensão de textos em sala de aula, sentida também por outros professores, levou-me a buscar a causas de tantas dificuldades na leitura. As atividades de leitura e de escrita demonstram que ler é muito mais do que decifrar as letras, do que está na linearidade.

Há três níveis de leitura, didaticamente descritos por Orlandi (1999). O primeiro deles é o inteligível e considera o texto em si. Nesse sentido, ler é identificar palavras. O segundo nível é o do interpretável, que exige conhecimento dos sujeitos do discurso e de dados que permitam identificá-los. O terceiro nível é o do compreensível, isto é, considera o contexto sócio-histórico, o que está fora do texto, mas é constitutivo do sentido do texto. O foco da leitura é a produção de textos nos três níveis: o inteligível, o interpretável e o compreensível.

A arrogância de muitos, aflora quando o assunto é literatura e letramento literário, ou seja, ignoram e desprezam o ensinamento e a eficácia do seu conteúdo, reduzindo o máximo ao conhecimento que a literatura traz aos alunos, e conseqüentemente aos futuros leitores que deixará de ler obras e entender e analisar melhor o mundo através de suas leituras e interpretações.

Essa postura arrogante com relação ao saber literário leva a literatura a ser tratada como apêndice da disciplina Língua Portuguesa, quer pela sobreposição à simples leitura no ensino fundamental, quer pela redução da literatura à história literária no ensino médio. É a mesma arrogância que reserva à disciplina Literatura no ensino médio uma única aula por semana, considerada a biblioteca um depósito de livros e assim por diante. (COSSON, 2007).

Nas imagens logo acima, podemos observar as discussões e pesquisas no laboratório sobre as obras literárias que foram trabalhadas ao longo do projeto do PIBID, tivemos inúmeras ideias e colocações dos alunos sobre os assuntos falados, construímos novas concepções de análises das obras aplicadas, ao final percebíamos que a cada dia que se passava algo estava acontecendo nas vidas desses jovens, as mudanças eram nítidas sobre as notas e o comportamento dentro de sala. Nota-se, também, grande interesse e reconhecimento de alguns pelo projeto.

Nas atividades de paráfrases e paródias² apareceram excelentes recriações graças

¹ Pretexto diferenciado do preconizado pelo texto clássico de Marisa Lajolo: *O texto não é pretexto*.

² A intertextualidade acontece quando há uma referência explícita ou implícita de um texto em outro. Também pode ocorrer com outras formas além do texto, música, pintura, filme, novela etc. Apresenta-se explicitamente quando o autor informa o objeto de sua citação. Por isso é importante para o leitor o conhecimento de mundo, um saber prévio, para reconhecer e identificar quando há um diálogo entre os textos. Priorizamos, em um primeiro momento, a paródia e a paráfrase de textos literários curtos.

ao incentivo e um plano pedagógico planejado e elaborado por bolsistas e professores envolvidos no projeto (tanto o orientador quanto a supervisora), acarretando, assim, mais conhecimento e um aprendizado à esses jovens promissores do nosso país.

A união da escrita, corpo, linguagem e palavra, tem grande vantagem sobre os entendimentos sobre as leituras, conseguindo a maior convergência do conteúdo analisado, e, conseqüentemente, tornando-se prática essencial para toda vida, criando várias técnicas de leituras e abrindo ao extremo o seu leque de informações. O saber nunca é demais para o ser humano, a mente funciona como um labirinto, a fase inicial de uma criança começa na aprendizagem da fala e os primeiros passos, começando a abrir portas no labirinto, e conhecendo outros caminhos que a vida oferece, logo mais a criança começará a frequentar a escola. Com isso, ela consegue abrir mais portas no seu labirinto mental, ampliando mais nível cognitivo e explorando novas ideias e aprendizados conquistados na escola. Conseqüentemente, a criança já desbravou uma parte do seu labirinto mental, ou seja, ouve uma evolução nos seus conhecimentos e ideias sobre os conceitos estudados e aprendizagens.

Os sentimentos de afeto entre o professor e seus alunos contribuem para criar uma atitude positiva em relação à aprendizagem. Os bons professores procuram comunicar entusiasmo e carinho para seus alunos. A paciência, a perseverança, o apoio à autoestima dos alunos e o senso de humor são outras das características apontadas nas várias intervenções que estão presentes quando existe uma relação de respeito e empatia com os estudantes. (MARCHESI; MARTIN, 2003, p. 111)

E é isso que torna diferente o bolsista *pididiano*, atribuindo-lhe como principal função, procurar compreender os alunos e aprender com os mesmos, se colocando como membro no grupo (já que ambos são estudantes). Ele dá voz ativa para seus alunos e nessa relação ele acaba dependendo dos mesmos para que haja um aprendizado significativo.

A aprendizagem sem significado é o estudo rotulado como obrigatório, estudo esse que deveria ser feito de forma prazerosa. O aluno é desmotivado e sua compreensão é dificultada por não haver comprometimento com os estudos. Além disso, o aluno acaba não tendo participação em sala, tornando-se o figurante dos estudos no qual deveria interpretar o papel principal.

Um dos desafios enfrentados pelo PIBID é inserir o conteúdo no intelecto dos alunos, pois muitos ainda não têm autonomia para interpretação, sendo estes, alunos de

Ensino Médio. Com o letramento literário, ou seja, o incentivo e os caminhos que possam ser trilhados em busca de pretensos leitores (ou de formação de leitores), o aluno se capacita, permitindo a criticar e se posicionar em todo e qualquer gênero textual.

Segundo as experiências de Rildo Cosson, o letramento literário deve ser feito de forma lúdica, pois caso o contrário, o ensino se torna desinteressante. Devemos estimular a interpretação do aluno de forma lúdica e prazerosa. E de suma importância:

[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma o seu poder de humanização. (COSSON, 2009, P.23).

E são através de contos, poemas e letras de músicas que este projeto vem *letreando* estes alunos, para a facilitação na comunicação dentro das escolas.

A paródia é uma excelente ferramenta que estimula o aluno se desenvolver no âmbito escolar, pois faz com que o estudante deixe de ser apenas um leitor passivo e teça novos pensares e outras formas de interpretação (senso crítico). Além de leitor, o aluno é convidado (incentivado, de forma cativante) a reescrever um texto lido dando novos sentidos, seja de forma cômica, irônica, humorística ou até mesmo contestadora. O gênero é ele quem escolhe!

Como foi mencionado, práticas de intertextualidade (paródia e paráfrase), praticadas de forma lúdica e prazerosa, além de trazer o aluno para o conhecimento, participando das aulas, , faz com que ele se desenvolva tendo facilidade e interesse de aprender sobre outros assuntos que são ensinados em sala de aula. E a função do PIBID do curso de letras está vinculada a isso, suprimindo necessidades que se encontram nas escolas de educação básica. E o retorno é bastante satisfatório, pois é visto que o rendimento do aluno, em relação à suas notas, só vem aumentando.

Textos como os poemas *Poema do milho*, de Cora Coralina ou o clássico *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles ou, ainda, os contos como, por exemplo, *Venha ver o pôr do sol*, de Lygia Fagundes Telles ou *Passeio Noturno parte 1 e 2*, de Rubem Fonseca foram, evidentemente, ambos parafrazeados, parodiados ou encenados, com a função de desenvolver capacidade de criação dos alunos a partir de outros textos.

Ressalte-se que poucos alunos sabiam sobre os gêneros apresentados. Não eram apresentados em sala de aula. No entanto, os gêneros foram explicados e feitas leituras de textos.

Posteriormente, os textos (produzidos a partir dos literários) e produzidos pelos alunos do

Colégio, foram apresentados nos corredores da escola, pendurados em cordões que perpassavam as paredes e pilastras. Convencionou-se chamar esse momento de *Varal Poético* ou *Varal Literário*, como se pode observar nas fotos abaixo:

1. Varal Poético – as produções dos alunos do Ensino Médio (primeiro ano), feitas e refeitas em sala de aula, são apresentadas nos corredores da Escola para os demais colegas de turno:



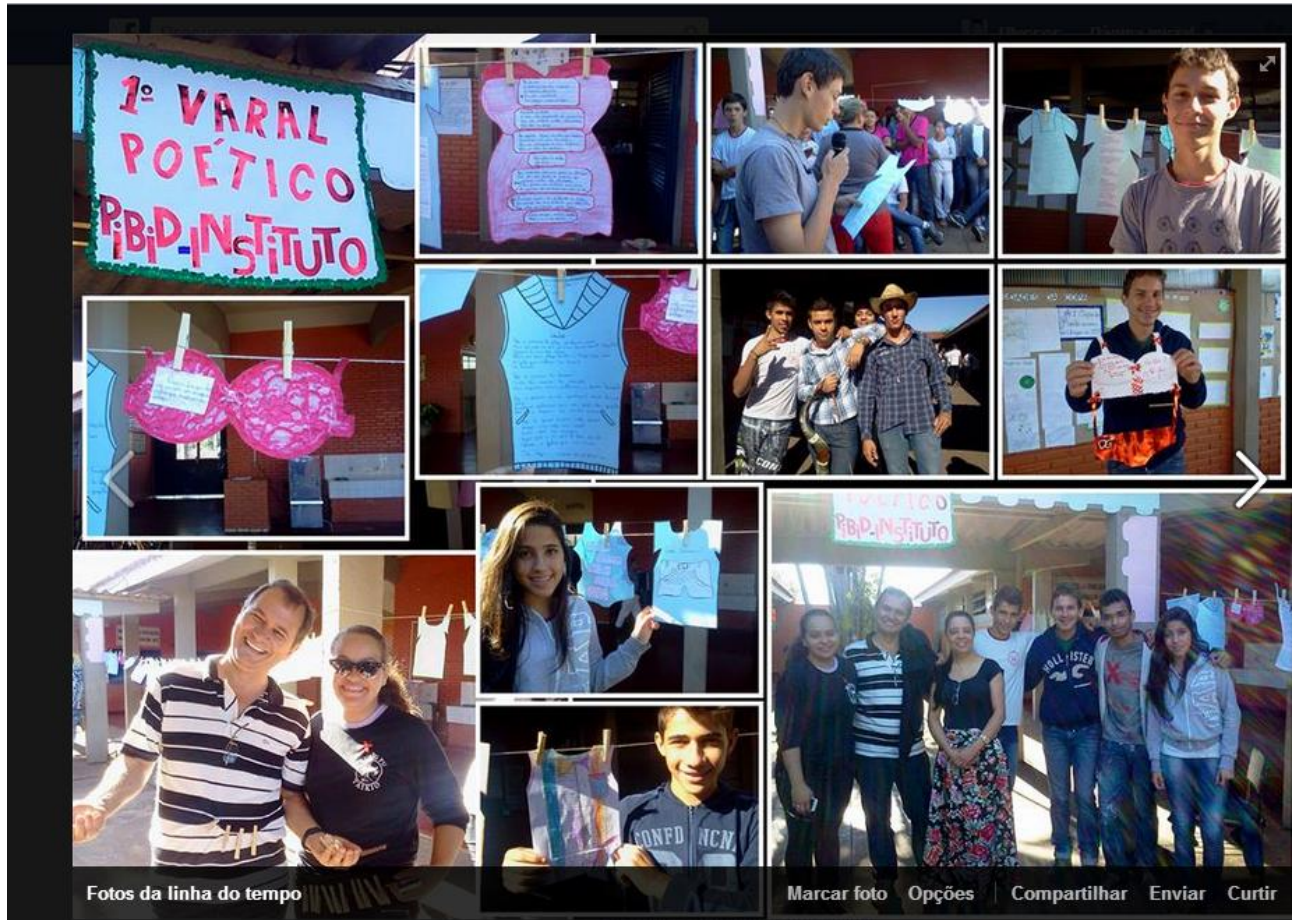
2. Além da recriação literária, seja por meio de paródia ou paráfrase, as composições foram musicadas com o mesmo intuito de apresentar, aos demais participantes da Escola, o momento lúdico de trabalho com o texto:



Conclusão

A experiência, vivida pelos alunos de graduação do curso de Letras, torná-se gratificante, pois o PIBID também os desenvolve, capacitando-os a coordenar salas de aula, tornando-os bons líderes. Diferente dos alunos de estágio, os alunos *pibidianos* têm mais liberdade em usufruir de sua criatividade para facilitar o aprendizado, não se limitando ao roteiro que lhes é imposto, além é claro, do trabalho em equipe que é feito entre eles. E é claro, para os já professores, o subprojeto pode incentiva-los a novas técnicas de abordagem entre seus alunos.

Ao falar em iniciação a docência, estamos não só dizendo o que é necessário para a formação de pretensos docentes, mas a busca pela valorização de nossos futuros alunos. Mas ainda ficam questões pendentes a respeito de como se pode contribuir para a formação de alunos sem mesmo estar vinculados aos estágios obrigatórios dos cursos de licenciaturas. Para tanto, como uma válvula de escape bastante auspiciosa, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID tem a função de aproximar os alunos da graduação a uma escola interessada em desenvolver atividades em diferentes ângulos nessas áreas.



O leitor não nasce pronto, precisa apresentá-los o conhecimento e o poder da leitura, a grande diversidade da literatura, a inclusão de leitores na sociedade é muito importante, pois ajuda em vários pontos e conhecimentos através de leituras, buscando uma interpretação e entendimento sobre qual assunto tratado em diversas situações. O grande problema nas escolas é a forma que é retratada a o letramento literário, sem a forma adequada e o incentivo que possa formalizar novos conceitos sobre a eficácia do saber literário, a realização de uma forma pedagógica correta, ou seja, tentar conquistar os alunos e mostrar o poder que o letramento literário tem sobre todos os conhecimentos.

Referências Bibliográficas

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1997.

BOSI, Alfredo. *História da concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1970.

BRASIL, Secretaria de Ensino Fundamental. (1998a) *Parâmetros Curriculares Nacionais, 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais/*. Secretaria de

Educação Fundamental - Brasília - MEC/SEF.

BUNZEN, Clecio; MENDONÇA, Márcia (orgs). *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola, 2009.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

_____. *Na sala de aula*. São Paulo: Ática, 1995.

CHIAPPINI, Ligia. *Reinvenção da Catedral*. Língua. Literatura. Comunicação. Novas tecnologias. Políticas de ensino. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

COSSON, Rildo. *Letramento Literário*. Teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2009.

FERREIRO, Emilia. *Processo de alfabetização*. Rio de Janeiro: Palmeiras, 1998.

KLEIMAN, Ângela. *Oficina de Leitura: Teoria e Prática*. 8 ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

LAJOLO, Marisa. *Romance Brasileiro - Como e por que ler*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

_____. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2001.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e Leitura*. 4ª ed. São Paulo, Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1999. (coleção passando a limpo).

Priscila Angelina Silva da Costa. *Acabei, posso ler? Quando a leitura se torna um prazer!* Congresso Iberoamericano de las Lenguas en la Educación y en la Cultura / IV Congreso Leer.es. Salamanca, Espanha. 2012 .

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

VIEIRA, Alice. *O prazer do texto: perspectivas para o ensino da literatura*. São Paulo: EPU. 1999.-

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da Literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

_____. *A leitura e o Ensino da Literatura*. São Paulo: Contexto, 1988.

_____. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.-

<http://www.webartigos.com/artigos/fichamento-da-obra-discurso-e-leitura-de-eni-p-orlandi/104419/#ixzz3FeMPC7wO>

ⁱ **Ulysses ROCHA FILHO, Dr.**

Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão (UFG/RC)

Departamento de Letras

ulysses.rochafilho@gmail.com